

Começo este breve discurso com agradecimentos. Em primeiro lugar, ao Reitor Tom Zé e toda a sua equipe, representada aqui por diversos membros, pela organização desta atividade, e a continuidade saudável de tradições que forjam o espírito universitário. Agradeço a presença de diversas pessoas que participaram ativamente da gestão 2017-2021, e que hoje posso chamar com alegria de amigos. Destaco aqui a incrível convivência com a Profa. Teresa Atvars, e com os pró-reitores Nancy, Eliana, Chico, Fernando, Munir, André e Marisa. A atuação incansável dos chefes de gabinete Shirlei, Gontijo e Joaquim, e a incrível dedicação de inúmeras pessoas da equipe, que vou evitar nomear para não cometer a imperdoável gafe de esquecer alguém.... São centenas de pessoas, que direta e/ou indiretamente contribuíram durante a nossa gestão, e tantas outras gestões. Agradeço a presença de todas e todos vocês, e de diversas pessoas que também tiveram o cuidado de me escrever informando que não poderiam vir pois estariam em aulas e outras atividades, pois afinal a universidade está funcionando intensamente. Agradeço imensamente a minha família, aqui também presente, que sempre me apoiou, principalmente em momentos difíceis. É uma felicidade especial ter a minha mãe aqui presente no dia de hoje. Não contei nada para ela até hoje, primeiro pois ela estava um pouco doente, e não sabia se poderia ver, mas principalmente para não deixa-la ansiosa antes do tempo... Evidentemente adoraria que meu pai, que muitos aqui conheceram, pudesse estar presente também para se orgulhar com o filho, como os pais costumam fazer...

É indescritível a sensação de participar deste momento, tão especial, cercado de familiares, amigas e amigos. Esta cerimônia pode parecer um pouco ultrapassada e até extemporânea, mas faz parte da construção de tradições que nos definem e da cultura de valorizar as pessoas que se dedicam à administração universitária, que não é um trabalho simples. Mas a imagem de uma só pessoa certamente não representa todo o esforço coletivo realizado durante uma gestão frente à Universidade... Mas sem dúvida alguma é motivo de orgulho representar, neste quadro que ficará ali pendurado, um grupo de pessoas que se dedicou, da melhor forma possível, para tornar esta Universidade cada vez melhor, sabendo que as consequências evidentes levam a uma cidade melhor, a um estado melhor, a um país melhor, e, esperamos, a um mundo melhor.

No dia a dia da reitoria chegam as mais diversas demandas, e são discutidos incontáveis temas, no meio de uma agenda maluca de compromissos, como este aqui.... A sensação de terminar um mandato é como ter sobrevivido a um furacão, e no nosso caso, todos hão de concordar que o furacão se tornou um Tsunami, junto com terremoto, pois vivemos tempos de crise econômica profunda, junto com uma crise política que foi avançando até atingir o ápice, e coroados com uma pandemia no último ano de gestão... Mesmo nessas condições tão adversas conseguimos realizar avanços significativos em diversas áreas da Universidade, aprimorar os nossos processos, e iniciar projetos novos que continuam evoluindo até hoje, como políticas de longo prazo, que afinal de contas é o tempo da universidade. Não vou cansar todos vocês com uma lista de realizações, para isso já fizemos o relatório de gestão. Mas esta

homenagem permite relembrar estes desafios, e realmente comprovar que podemos aproveitar as crises para emergir mais fortes.

Em um discurso proferido por Julián Marías durante as celebrações do 4º centenário da Universidade San Marcos (Lima, Peru) em 1951 intitulado “La universidad: realidad problemática”, Marías afirma (p. 61):

“No conozco otro modo de resolver los problemas que partir de ellos: la única manera de superar las dificultades es apoyarse precisamente en ellas para brincar hacia lo alto. Por esto, lo que más urge a la Universidad es penetrarse de su condición problemática. Sólo es posible hoy ser universitario con cierta intranquilidad, yo diría hasta de conciencia. Esa inquietud puede ser salvadora; su primera consecuencia es evitar la inercia, el hacer lo de siempre, como si estuviese justificado y fuese obvio; la segunda, eliminar la petulancia y la fácil satisfacción, para sustituirlas por lo más fecundo de que dispone el hombre: el descontento. El universitario actual debe pensar que no es lo único ni lo más importante, que no sabe bien qué tiene que hacer, que su misión es más que dudosa, y realizarla con una orgullosa modestia.”

A ideia aqui, por mais antiquada que possa soar, é que tempos difíceis podem de fato servir como uma oportunidade para transformações positivas e necessárias. Para isso, precisamos avançar e demandar à sociedade ajuda neste imenso desafio. De novo cito Marías (p. 63):

“Frente a todas las dificultades, esta conciencia puede ser confortadora: por eso hablaba unas líneas más arriba de orgullosa modestia. No es una empresa digna de la Universidad, de su gloriosa historia de siete siglos, recrearse de nuevo en estas estrechas circunstancias? La Universidad está entre la espada y la pared: la mejor situación para luchar. Y entonces conviene reivindicar, en todas sus formas, la condición de universitarios. Lo somos todos los que hemos sido informados y conformados por la Universidad, ... sea cualquiera el lugar donde nos sitúe la forma auténtica de esa pertenencia.”

De fato, buscamos o diálogo constante para pacificar internamente a Universidade, que vinha de anos muito conturbados, especialmente em 2016. Buscamos unir as forças da Universidade contra o inimigo externo comum, que é contra a autonomia, contra as liberdades acadêmicas, contra uma universidade pública, gratuita e de qualidade que represente a sociedade que a financia. Para isso, buscamos seguir sempre o lema “Universidade Pública: Compromisso com a Sociedade” que marcou a nossa campanha. É saudável e necessário que haja diversos grupos com maneiras diferentes de pensar dentro da Universidade, mas é fundamental que todos esses grupos tenham clareza do bem maior que a Universidade representa para a sociedade, e que, em situações críticas, saibam deixar de lado projetos pessoais, desentendimentos passados, e demandas corporativas. Além disso, a cada dia é mais necessário priorizar a comunicação efetiva e o engajamento com a sociedade, não só para mostrar o que fazemos, mas principalmente para que fazemos!

Aliás, hoje em dia esse engajamento público é cada vez mais imperativo. Como indica o título do importante seminário internacional "Emergência Climática: o que a universidade deve fazer para enfrentá-la, já?" que está acontecendo na Unicamp nesta

semana, nós precisamos agir urgentemente para que a humanidade possa sonhar em ter um futuro. De fato, vivemos em tempos sem precedentes. Durante décadas, o mundo tem lutado contra imensos desafios como conflitos e violências, violação dos direitos humanos, deslocamentos populacionais, degradação ambiental alarmante e desigualdade em diferentes formas, só para citar alguns. Além disso, temos agora de enfrentar os desafios mais focalizados resultantes das alterações climáticas, da pandemia Covid-19, de guerras, e de uma mudança gradual, mas muito perceptível da democracia para o autoritarismo. Evidentemente, estas ameaças afetam diferentes países a diferentes graus de severidade, mas, devido à globalização, o impacto em qualquer país ou região pode ter consequências imprevisíveis e globais.

Surpreendentemente, estamos também assistindo um movimento forte e articulado com o objetivo de menosprezar ou mesmo negar estes desafios, muitas vezes motivados por interesses espúrios. Este movimento ganha momento em uma sociedade inundada por um excesso de notícias vindas de fontes não verificadas, espalhando-se rapidamente por meio das redes sociais. De fato, as chamadas desordens de informação prosperam com o aumento da entropia da Internet, com a falta de compreensão do raciocínio científico, e com a crise que os meios de comunicação tradicionais enfrentam, entre outros fatores. As mentiras parecem viajar mais depressa do que a verdade, e muitas vezes é até difícil distinguir entre a realidade e as notícias falsas.

Embora a ciência, em geral, seja reconhecida pelo seu papel vital na abordagem dos grandes desafios que a humanidade enfrenta, agora e no futuro, isso é geralmente considerado como uma premissa por nós cientistas, e acho que não percebemos nem reconhecemos totalmente os perigos da atual onda de negação e autocracia que o mundo está vivendo. Todos observamos, quase silenciosamente, os ataques e cortes de recursos a que cientistas, artistas, intelectuais, universidades, organizações não governamentais e centros de pesquisa estão sujeitos. A nossa voz, a voz da ciência, no que se refere à urgência de enfrentar os desafios globais é praticamente inaudível pela sociedade em geral. A falta de resposta enfática à desinformação científica e ambiental vai nos enfraquecer, relegando as nossas atividades à mera sobrevivência rumo ao desaparecimento por inanição, e a nossa atuação à confecção de moções e manifestos que apenas servirão para dizer, no futuro: “nós avisamos!”

Citando o livro “Nós somos o Clima”, de Jonathan Safran Foer:

“Não temos esse luxo de viver no nosso tempo. Não podemos cuidar da nossa vida como se ela fosse só nossa. ... as vidas que vivemos criarão um futuro que não tem como ser desfeito” (p. 77) “As futuras gerações certamente vão olhar para trás e se perguntar onde nós estávamos, ... onde estava o nosso senso de quem somos? Que decisões essa crise inspirou? Por que cargas d’água escolhemos nos suicidar e sacrificá-los? (p.78) (Jonathan Safran Foer, Nós Somos o Clima, Rocco, 2020)

Assim, precisamos agir, nos mobilizar, nos engajar neste momento crítico que estamos vivendo, no Brasil e no mundo. Tenho certeza de que nós, como comunidade da Unicamp, participaremos ativamente nesta missão de ampliar a voz da ciência, para que possamos ter um futuro em um mundo habitável, com menos desigualdades e com mais harmonia.

Muito obrigado novamente por este momento tão especial que tive a oportunidade de vivenciar hoje. Boa tarde!

Marcelo Knobel

Campinas, 15/08/2023